

## **A CONSOLIDAÇÃO DA FÊNIX: FOTOGRAFIAS ATUAIS DA FILOLOGIA E DA LINGÜÍSTICA HISTÓRICA NO BRASIL**

### *THE CONSOLIDATION OF THE PHOENIX: CURRENT PHOTOGRAPHS OF PHILOLOGY AND HISTORICAL LINGUISTICS IN BRAZIL*

*Sandro Marcio Drumond Alves Marengo (UFS)<sup>1</sup>*

*Deise Cristina de Moraes Pinto (UFRJ)<sup>2</sup>*

A Linguística Histórica e a Filologia são disciplinas intimamente relacionadas que se dedicam ao estudo das línguas em suas diversas manifestações ao longo do tempo. Enquanto a Linguística Histórica se dedica a estudar, segundo Faraco (2010) e Gabas Jr. (2006), os processos de mudança das línguas no decorrer do tempo, a Filologia concentra-se na crítica textual e na investigação dos documentos escritos para, dentre outras coisas, elucidar questões relacionadas à autoria, autenticidade e transmissão dos textos. O ponto de partida comum para ambas as disciplinas reside na compreensão de que as línguas estão em constante mudança e essas mudanças refletem aspectos históricos, sociais e culturais das comunidades que as utilizam. A Linguística Histórica procura traçar tais mudanças ao longo do tempo, identificando padrões e processos que as moldam. Por sua vez, a Filologia examina manuscritos antigos, inscrições e outros registros escritos para restituir o contexto linguístico de determinada época de modo que as mudanças sejam investigadas de forma mais concreta.

Desde os anos de 1980, em território brasileiro, tem ocorrido uma convergência significativa entre Linguística Histórica e Filologia, à medida que os estudiosos reconhecem a importância de uma abordagem interdisciplinar para entender plenamente a história e o desenvolvimento das línguas. Nas palavras de Tarallo (1984), é a partir da década de 80 que a Linguística Histórico-Diacrônica no Brasil renasce como uma fênix.

“[...] a empreitada variacionista diacrônica, liderada no Rio de Janeiro por Anthony Naro, em São Paulo por Fernando Tarallo e em Belo Horizonte por Antônio de Oliveira” [...], com “a pesquisa semântico-funcionalista de Faraco” [...], com Rosa Virgínia Mattos e Silva – por ela chamada de arqueóloga-estruturalista, devido à publicação das Estruturas trecentistas em 1988 – e Fernando Tarallo cortejando-se à distância, trocando cartas e textos, com o casamento herético selado entre Fernando Tarallo – um intravariacionista sociolinguista – e ela própria, Mary Kato – uma intervacionista gerativista – e também “com a ajuda inestimável de Charlotte Galves, na formação dos alunos em teoria gramatical” (LOBO, 2018, p. 66)

<sup>1</sup> Universidade Federal de Sergipe (UFS) sandrodmarengo@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-4658-004X>.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) deiseemp@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-5781-4852>.

A utilização de métodos linguísticos na análise de textos (manu)[e]scritos em tempos pretéritos tem permitido uma compreensão mais ampla e profunda dos processos de mudança linguística, enquanto a Filologia continua a subsidiar *insights* valiosos sobre o contexto cultural e social em que essas mudanças ocorreram. De acordo com Mattos e Silva (2008), a Linguística Histórica se ancora em duas vertentes: uma *lato sensu*, que trabalha com dados datados e localizados, como ocorre em qualquer trabalho de linguística baseado em *corpora*; e outra *stricto sensu*, que se dedica à investigação sobre o que muda, como ocorre essa mudança e quais são as motivações condicionantes para que esse fenômeno se apresente nas línguas ao longo do tempo em que são usadas. Em sua proposta de orientação *stricto sensu*, Mattos e Silva (2008) ainda afirma que investigações dessa seara podem ser realizadas sob dois enfoques: o de uma linguística histórica sócio-histórica ou de uma linguística diacrônica associal.

A epistemologia científica de Mattos e Silva (1988, 1996, 2008) assevera que não se pode desprezar a relação íntima que os estudos linguísticos de perspectiva diacrônica em caráter estrito possuem com a Filologia, pois não se pode fazer linguística histórica sem documentação remanescente do passado, ou seja, de um modo mais geral, os textos escritos. Portanto, será o filólogo “quem, utilizando todos os instrumentos dos quais pode dispor, estudando todos os documentos, se esforça por penetrar no epistema que decidiu estudar, procurar a voz dos textos e de um passado que já não considera sufocado pelos estados sobrepostos” (PICHIO, 1979, p. 234). Ainda sobre essa questão, Janotti (2005, p. 21) esclarece que entender a escrita remanescente de um passado histórico-social é “conhecer o contexto da produção; descobrir o seu sentido próprio; localizar seus modos de transmissão, sua destinação e suas sucessivas interpretações”. Essa afirmativa da autora traz a lume a importância da Filologia, não só na preparação das fontes documentais, mas também para a compreensão das complexas interações entre história, linguagem, cultura e sociedade ao longo do tempo (MARENGO, 2016, 2017). Assim, a interseção entre Linguística Histórica e Filologia não apenas lança luz sobre o passado linguístico das sociedades, mas também enriquece nossa compreensão do mundo contemporâneo ao nos fazer refletir sobre a natureza dinâmica e multifacetada da linguagem humana.

Este número da revista *Linguística* reúne 21 artigos e 1 resenha crítica dentro do escopo da Filologia e da Linguística Histórica. Os trabalhos contemplam estudos de Filologia, Crítica Textual e/ou descrição/análise sócio-histórica e/ou linguística em diferentes níveis, orientadas por diferentes perspectivas teóricas, que oferecem um panorama representativo desses estudos na atualidade. Para fins de organização, agrupamos os artigos submetidos em três grandes blocos: (1) Filologia *Stricto Sensu*; (2) Filologia: História e Identidades Sociais e Linguísticas; e (3) Linguística Histórica: Teorias e Fenômenos Linguísticos.

Em “Filologia *Stricto Sensu*”, reunimos 5 artigos que tratam de Crítica Textual e suas ciências correlatas. Segundo Cambraia (1999), “é inegável que a validade de um estudo diacrônico do português esteja diretamente relacionada à fidedignidade da fonte utilizada para a coleta de dados” (p. 13). Assim, a Crítica Textual, ocupa um espaço importante dado seu ofício de preparação de edições coesas e fidedignas das fontes históricas escritas (CAMBRAIA, 2005). Em *Reclamo: entre a Codicologia*

e a *Paleografia*, Marcelo Módolo e Maria de Fátima Nunes Madeira analisam a configuração e frequência de reclusos em documentos setecentistas da capitania de Minas Gerais, classificando-os a partir de categorias estabelecidas de acordo com as formas como aparecem registrados no texto. No artigo *Oração das chagas (códcs. Alcs. 89 e 221): edição paleográfica e crítica*, Marcos Alexandre dos Santos apresenta uma edição paleográfica e crítica de um texto medieval curto, identificado como Oração das chagas nos códices alcobacenses 89 e 221 da Biblioteca Nacional de Portugal. O estudo traz uma breve descrição do conteúdo da oração, discussão sobre suas possíveis fontes, breve descrição codicológica dos dois testemunhos que contêm o texto e apresentação da edição paleográfica e crítica do texto, precedida de descrição das respectivas normas de edição. Já em *Tratado da acídia: uma adaptação medieval portuguesa do Summa de Vitiis de Guilelmus Peraldus*, César Nardelli Cambraia argumenta em favor da hipótese de que o tratado da acídia presente no códice alcobacense 461 da Biblioteca Nacional de Portugal é uma adaptação para o português medieval da obra *Summa de Vitiis* de Guilelmus Peraldus, baseada em alto grau de recomposição textual. Para sustentar essa hipótese, o autor discute brevemente a prática de tradução na Idade Média, apresenta uma edição interpretativa desse texto português e faz uma análise detalhada dele, tendo em vista sua relação com a versão latina presente no códice alcobacense 196 da Biblioteca Nacional de Portugal.

Ainda nesta seção, no artigo *Um indígena a serviço do Brasil: análise filológica de requerimentos de Lázaro Coelho de Sá*, Phablo Roberto Marchis Fachin e Ana Paula Negrão Ferreira apresentam resultados da análise filológica de requerimentos de mercê levados a cabo por Lázaro Coelho de Sá, indígena da Aldeia do Urucu, em Pernambuco. O *corpus* é composto majoritariamente por petições e certidões produzidas entre 1728 e 1756 as quais atestam a lealdade e o trabalho do indígena e de seu pai, Manoel Cubas Frazão, Capitão de sua aldeia e ex-combatente das guerras de restauração. A complexidade do conjunto documental relacionado ao circuito de mercês propicia o diálogo entre a Filologia e diferentes áreas, como a Diplomática, a Paleografia e a História, de modo a caracterizar as espécies documentais em questão e situá-las no tempo-espaço, assim ampliando também o mapeamento das práticas de escrita no eixo Brasil-Portugal durante o período colonial. Encerrando esse bloco, Gracinéa Imaculada Oliveira e José Américo Miranda, em *A terceira edição de Memórias póstumas de Brás Cubas: O prólogo de Machado de Assis*, divulgam uma descoberta recente – a de que a terceira edição das *Memórias póstumas de Brás Cubas* tem dois estados – e as possíveis implicações dessa descoberta para futuras edições do romance, especialmente se críticas ou fiéis ou fidedignas. Também discutem a questão da disposição dos pré-textos da narrativa – já que a disposição deles na edição crítica preparada pela Comissão Machado de Assis não coincide com nenhuma das edições feitas em vida do autor.

Barreiros, Barreiros e Marengo (2023) afirmam que *corpora* filológicos são valiosos tanto para filólogos e historiadores quanto para pesquisadores interessados em descrição linguística de uma sincronia passada e/ou em estudar as variações linguísticas, os estilos literários e a transmissão textual ao longo do tempo. Além disso, os autores agregam que

os corpora filológicos facilitam o acesso a textos antigos e raros, proporcionando uma base de dados abrangente para estudos linguísticos, históricos e literários. Eles permitem que os pesquisadores façam consultas e buscas em larga escala, identifiquem padrões linguísticos e examinem a interconexão entre a linguagem e a cultura em diferentes contextos históricos (BARREIROS; BARREIROS; MARENGO, 2023, p. 10).

Desse modo, na seção que intitulamos de “Filologia: História e Identidades Sociais e Linguísticas”, estão 6 artigos que, a partir de uma abordagem linguístico-filológica, trazem informações pertinentes sobre a História social e as identidades circulantes. Em *Uma leitura filológica e historiográfica do conceito de gramática na obra de João de Barros (1540)*, Leonardo Ferreira Kaltner apresenta um estudo do excerto do texto sobre o conceito de gramática analisado sob os critérios da Crítica Textual e objetiva investigar como o gramático quinhentista definiu o conceito e, também, fazer uma exegese de seu pensamento linguístico. Na sequência, Evellyne Patrícia Figueiredo de Sousa Costa e Leici Landherr Moreira, no artigo intitulado *Português do Rio Grande do Sul do século XIX: caracterização de uma sincronia passada*, apresentam uma descrição de fenômenos linguísticos de ordem grafo-fonética e variantes sócio-históricas do português do Rio Grande do Sul do século XIX em documentos manuscritos. O *corpus* compreende a edição filológica conservadora de documentos manuscritos oitocentistas não-literários do arquivo “Português Histórico do Rio Grande do Sul (PHRS)”. Sob o aporte teórico da Sociolinguística Histórica, descrevem e analisam os fenômenos fonológicos relacionados às variantes sócio-históricas de tipologia documental e profissão dos escreventes. Já em *“Há crianças portuguesas que só falam ‘brasileiro’”: indústria cultural, meios massivos de comunicação e contatos intralinguísticos no espaço variacional lusófono a partir de uma perspectiva histórica*, Virginia Sita Farias parte de um caso relatado pelo jornal português Diário de Notícias, de 10 de novembro de 2021, que levanta a questão de um suposto domínio do português brasileiro sobre o europeu no comportamento linguístico de crianças portuguesas, para discutir historicamente o papel dos meios massivos de comunicação como agentes facilitadores de contatos linguísticos. A autora esclarece que qualquer juízo de valor aplicado nesses casos apenas reflete e reforça ideologias e crenças, não explicando ou contribuindo para a compreensão do fenômeno e desconsiderando fatores e fatos linguísticos que podem incidir sobre toda e qualquer língua.

Ainda nesta seção, em *Aspectos linguísticos da comédia italiana no renascimento: a relevância da língua florentina na construção de Mandragola de Maquiavel*, Priscila Nogueira da Rocha e Sonia Cristina Reis fazem uma análise linguística da comédia teatral mais importante do Renascimento italiano, escrita por Nicolau Maquiavel, *Mandragola*, que apesar de muito estudada por um viés político, também possui um alto valor literário-filológico. A partir da perspectiva dos estudos sobre a *Questione della lingua* e considerando ainda as questões apresentadas em outra obra do autor – *Discorso o dialogo intorno alla nostra lingua* – as autoras refletem sobre a importância da língua usada nas comédias quinhentistas, não só para dar indícios da língua falada, mas principalmente para verificar as nuances que o autor dá para cada personagem, permitindo sua melhor interpretação. Já em *Língua Geral de Mina: uma fotografia da história linguística dos africanos escravizados no Brasil*,

Wellington Santos da Silva, tomando como exemplo a Língua Geral de Mina, uma língua africana de origem Gbe documentada no Brasil no século XVIII durante o Ciclo do Ouro, argumenta que a variedade Gbe oriunda da Costa da Mina continuou sendo falada no contexto colonial, preservando traços morfossintáticos característicos das línguas do grupo, como adjetivos atributivos reduplicados e verbos de complementação inerente. Encerrando essa seção, Liviane Gomes Ataíde Santana, autora de *A cultura do álcool no Brasil: aspectos linguísticos e identitários nos séculos XVIII e XIX*, analisa duas obras (um memorial setecentista e um manual oitocentista) que têm como tema em comum o álcool e apresenta aspectos da cultura como bebida, bem como particularidades lexicais e questões identitárias relacionadas ao Brasil dos séculos XVIII e XIX.

As duas seções anteriores, além de congregar trabalhos que tiveram um cuidado rigoroso na conformação dos *corpora* com base nos preceitos da Crítica Textual, também trouxeram possibilidades de uma abordagem histórico-filológica a partir de documentação remanescente. Como bem observa Labov (1982), o trabalho da Linguística Histórica se alicerça na condição de o linguista fazer “o melhor uso de maus dados”. Essa tarefa se circunscreve, primeiro, a saber escolher as fontes – principalmente em casos daquelas não primárias. Em seguida, reunir condições teórico-metodológicas tanto para avaliar a qualidade das edições do *corpus* delimitado (ou confeccionar sua própria edição) quanto para proceder ao tipo de tratamento linguístico conferido aos dados sobre os quais se quer trabalhar (MARENGO, 2016). Portanto,

[...] a qualidade dos resultados a obter está dependente, em primeira instância, da qualidade dos *corpora* que fornecem os materiais a analisar: tanto na investigação sobre língua falada e sobre as variedades diatópicas e sociais actuais, como nas investigações centradas sobre os usos linguísticos escritos de fases passadas, o investigador, quer seja ele próprio a constituir o seu *corpus*, quer se baseie num *corpus* já disponível, deve estar em condições de avaliar a sua qualidade. No que se refere às pesquisas de caráter diacrônico, estas estão dependentes de alguns requisitos, nomeadamente da sua autenticidade, garantia da sua fiabilidade, da sua extensão, adequada aos objetivos da pesquisa, da diversidade de tipologia dos textos reunidos que devem reflectir a variação concepcional da língua e, necessariamente, da sua elaboração (MAIA, 2012, p. 537).

Assim, na seção “Linguística Histórica: Teorias e Fenômenos Linguísticos”, reunimos 10 artigos que utilizaram *corpora* diacrônicos para examinar/descrever teorias e padrões linguísticos, identificar regularidades/irregularidades em diferentes níveis linguísticos, observar variação/mudança linguísticas e/ou investigar como a linguagem é usada em diferentes contextos e por diferentes grupos sociais (BARREIROS; BARREIROS; MARENGO, 2023). No primeiro artigo da seção, intitulado *Cláusulas insubordinadas no Português Arcaico: notas preliminares*, Violeta Virginia Rodrigues e Thiago Laurentino de Oliveira examinam documentos datados do século XIV e extraídos do *Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM)*, com o intuito de corroborar ou não a tese de Evans (2007), bastante difundida, de que as chamadas insubordinadas em português (cláusulas com forma de subordinada, mas sintaticamente independentes) tiveram origem em um processo de reanálise

da cláusula subordinada a partir da elipse da cláusula principal. A subordinada passaria a ter, então, independência sintática, mas mantendo as características da forma dependente. Os resultados encontrados pelos autores ainda são preliminares, mas não se mostram favoráveis à hipótese.

Em *Nas veredas do Léxico Histórico do Português Brasileiro*, as pesquisadoras Vanderci de Andrade Aguilera, Celciane Alves Vasconcelos e Fabiane Cristina Altino, no âmbito do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB), apresentam a trajetória de constituição do Léxico Histórico do Português Brasileiro (LHisPB) desde a sua gênese até a elaboração do *site* e disponibilização na plataforma da Universidade Estadual de Londrina, passando pelas diferentes etapas do trabalho, decisões e motivações que levaram, por exemplo, à escolha do *corpus*, do título da obra etc. O LHisPB reúne Léxicos dos seguintes estados: Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Sul. Os verbetes de cada estado foram extraídos de *corpora* constituídos por documentos diversos dos séculos XVII a XIX. O LHisPB já pode ser acessado e está disponível para consulta e pesquisa de usos linguísticos.

Já em *Um olhar filológico para o sistema de pontuação nos séculos XVIII e XXI e as suas contribuições para o ensino de Língua Portuguesa na atualidade*, Carolina Akie Ochiai Seixas Lima, Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto e Thaísa Maria Gazziero Tomazi estudam a pontuação em Língua Portuguesa em um *corpus* de textos manuscritos do século XVIII, pertencentes ao Arquivo Público do Estado de Mato Grosso. Para tanto, adotam a metodologia quali-quantitativa, selecionando trechos dos documentos que representam, em recorte, o sistema de pontuação utilizado. Para a comparação das normas gramaticais, as autoras baseiam-se nas normas vigentes no século XVIII, escritas por Feijó (1734), e no século XXI, escritas por Cegalla (2008).

Dando continuidade à seção, no artigo *Desvios na representação gráfica das fricativas alveolares em cartas do século XX como parâmetro para avaliação de habilidade com a escrita alfabética*, Caio Mieiro Mendonça estuda o polimorfismo gráfico de sibilantes em cartas de portugueses escritas no século XX. O autor analisa os desvios na representação das fricativas alveolares surda [s] e sonora [z] e das variantes pós-alveolares [ʃ ʒ]. Para tanto, apresenta uma metodologia de análise do fenômeno como um parâmetro para a avaliação do nível de habilidade dos remetentes com a escrita, adotando como base teórico-metodológica a Sociolinguística Histórica. Em “*Vê se lê este artigo*”: o surgimento de uma construção idiomática com *vê/veja se s* no português brasileiro, os autores Dennis de Oliveira Alves, Diogo Oliveira Ramires Pinheiro e Diego Leite de Oliveira delineiam a trajetória diacrônica da construção idiomática com *VÊ/VEJA SE S* (como em “Vê se me liga” e “Vê se não se atrasa”) no português brasileiro, amparando-se no arcabouço teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso e do modelo de mudança proposto por Traugott e Trousdale (2013), para fornecer explicações acerca do surgimento dessa construção na língua. Na sequência, Aurelina Ariadne Domingues Almeida, Elisângela Santana dos Santos e Neila Maria Oliveira Santana assinam *Demônias, santas, objetos e algo mais: apontamentos sobre metáforas para mulheres em cartas da inquisição do século XVIII*, em que apresentam um estudo preliminar, alicerçado na Semântica Cognitiva, em perspectiva

Sócio-Histórica-Cultural, e na Teoria da Metáfora Conceptual, acerca da conceptualização metafórica de mulher em cartas encaminhadas ao Santo Ofício, em diferentes anos do século XVIII.

No artigo *Sociocognitive theory of terminology: diachronic applications*, Soraya Carvalho Souza Biller Teixeira, Josefa Monica Almeida Alves, Sandro Marcio Drumond Alves Marengo e Débora Simões Araújo descrevem e analisam o termo médico-legal *cópula*, em 45 exames de corpo de delito de processos-crime de defloramento registrados em Sergipe entre 1854-1900. A investigação está fundamentada nos preceitos da Socioterminologia Diacrônica e na Teoria Sociocognitiva da Terminologia. Em “*Se aparecer notícias serias ahi, escreva-me*”: *concordância verbal em cartas do sertão baiano oitocentista*, Pedro Daniel dos Santos Souza e Elizabete Lopes Oliveira discutem o encaixamento histórico da variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro oitocentista, a partir de um *corpus* constituído por 190 cartas escritas por 43 remetentes e dirigidas ao baiano Cícero Dantas Martins, Barão de Jeremoabo. Já no artigo *Usos de “pero bueno”, “pero vamos” e “pero claro” no Espanhol peninsular coloquial*, as autoras Talita Storti Garcia e Carolina da Costa Pedro apresentam os papéis do juntor *pero* em combinação com *bueno*, *vamos* e *claro* em um *corpus* do espanhol peninsular falado sob perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. Por fim, encerrando a seção, no artigo *Próclise em ambiente neutro e perda seletiva do clítico acusativo anafórico em peças de teatro brasileiras dos oitocentos*, Marco Antonio Rocha Martins e Camila da Mota Heerdt investigam a mudança da próclise em orações matrizes com frenteamento de constituintes, no ambiente sintático ([XP])[XP]V, correlacionando-a a ordenação e realização do sujeito e à perda seletiva do acusativo anafórico na escrita brasileira oitocentista. Segundo os autores, na escrita do século XIX, há evidências de uma gramática “perdida” do português, ou de uma língua do tipo-V2, sem restrições para inversão do sujeito e de sujeito nulo (*pro-drop*) consistente, como no Português Clássico (PCI).

Para finalizar o volume, Leticia Rebollo Couto nos brinda com a resenha crítica glotopolítica intitulada *Contribuciones teóricas y metodológicas para la investigación histórica de las formas de tratamiento en portugués y español* referente à obra *Address in Portuguese and Spanish. Studies in Diachrony and Diachronic Reconstruction*, organizada por Martin Hummel e Célia Regina dos Santos Lopes e publicada pela editora De Gruyter no ano de 2020.

Assim, esperamos que este volume da revista *Linguística* consolide a potência da figura da Fênix, tão bem evocada pelo saudoso professor Fernando Tarallo, nos estudos brasileiros de Linguística Histórica e de Filologia. Desejamos uma boa leitura a todos.

## Referências

BARREIROS, Liliâne Lemos Santana; BARREIROS, Patrício Nunes; MARENGO, Sandro Marcio Drumond Alves. *Pesquisa filológica e linguística baseada em corpus manuscrito e impresso*. Campinas/SP: Pontes Editores, 2023.

- CAMBRAIA, César Nardelli. Subsídios para uma proposta de normas de edição de textos antigos para estudos linguísticos. *I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa*. São Paulo: FFLCH- USP/ Humanitas, 1999. pp. 13-23.
- CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2010.
- GABAS JR, Nilson. Linguística Histórica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (orgs.). *Introdução à Linguística I: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2006, pp. 93-103.
- JANOTTI, Maria de Lourdes Mônico. O Livro Fontes históricas como fonte. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. pp. 9-22.
- LABOV, William. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, Winfred Philip; MALKIEL, Yakov (eds.). *Perspectives in Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982.
- LOBO, Tânia Conceição Freire. A linguística histórico-diacrônica no Brasil pós-1980 e a questão do contato linguístico. *Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 20 – Especial, pp. 64-80, 2018.
- MAIA, Clarinda. Linguística Histórica e Filologia In: LOBO, Tânia; CARNEIRO, Zenaide; SOLEDADE, Juliana; ALMEIDA, Ariadne; RIBEIRO, Silvana (orgs.). *ROSAE*. Linguística histórica, História das línguas e outras histórias. Salvador: EdUFBA, 2012. pp. 533-42.
- MARENGO, Sandro Marcio Drumond Alves. *Variações terminológicas e diacronia: estudo léxico-social de documentos militares manuscritos dos séculos XVIII e XIX*. 530f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte/MG, 2016.
- MARENGO, Sandro Marcio Drumond Alves. Crítica Textual e Terminografia Diacrônica: bases para a preparação da socioterminologia histórica. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 2 n. 2, pp. 86-112, jul./dez. 2017.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Fluxo e Refluxo: uma retrospectiva da linguística histórica no Brasil. *D.E.L.T.A.*, v. 4, n. 1, pp. 85-113, 1988.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Sobre desencontros e reencontros: Filologia e Linguística no Brasil no século XX. *Comunicação em Mesa Redonda da ANPOLL*, João Pessoa (inédito), 1996.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da Linguística Histórica (Ouvir o inaudível)*. São Paulo: Parábola, 2008.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. *A lição do texto: Filologia e Literatura*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- TARALLO, Fernando. A fênix finalmente renascida. *Boletim da ABRALIN*, n. 6, pp. 95-103, 1984.
- TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. New York: Oxford University Press, 2013.